

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A—1.º e 2.º Andares—Telef. 34.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa—Rua de Santo António, 133.

Director, editor e Proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA  
COMISSÃO DE CENSURA

A igreja católica celebra, na Primavera, a sua festa mais solene, a prova maior da verdade e transcendência da Fé, como S. Paulo diz, de uma forma tão incisiva, na sua primeira epistola aos coríntios:—«E se Cristo não ressuscitou, é inútil a nossa pregação e é também inútil a vossa fé».

A ressurreição é, pois, a cúpula do edifício cristão, a vitória plena da Divindade de Jesus sobre as misérias, os pecados e as negações da humanidade. Por isso as solenidades litúrgicas são a expressão voante de uma alegria festiva e triunfal. A exclamação de louvor e júbilo, a *alleluia*, esmalta as prosas, as antifonas, os versículos do officio e da missa. Os paramentos são brancos, a côr da pureza da libertação.

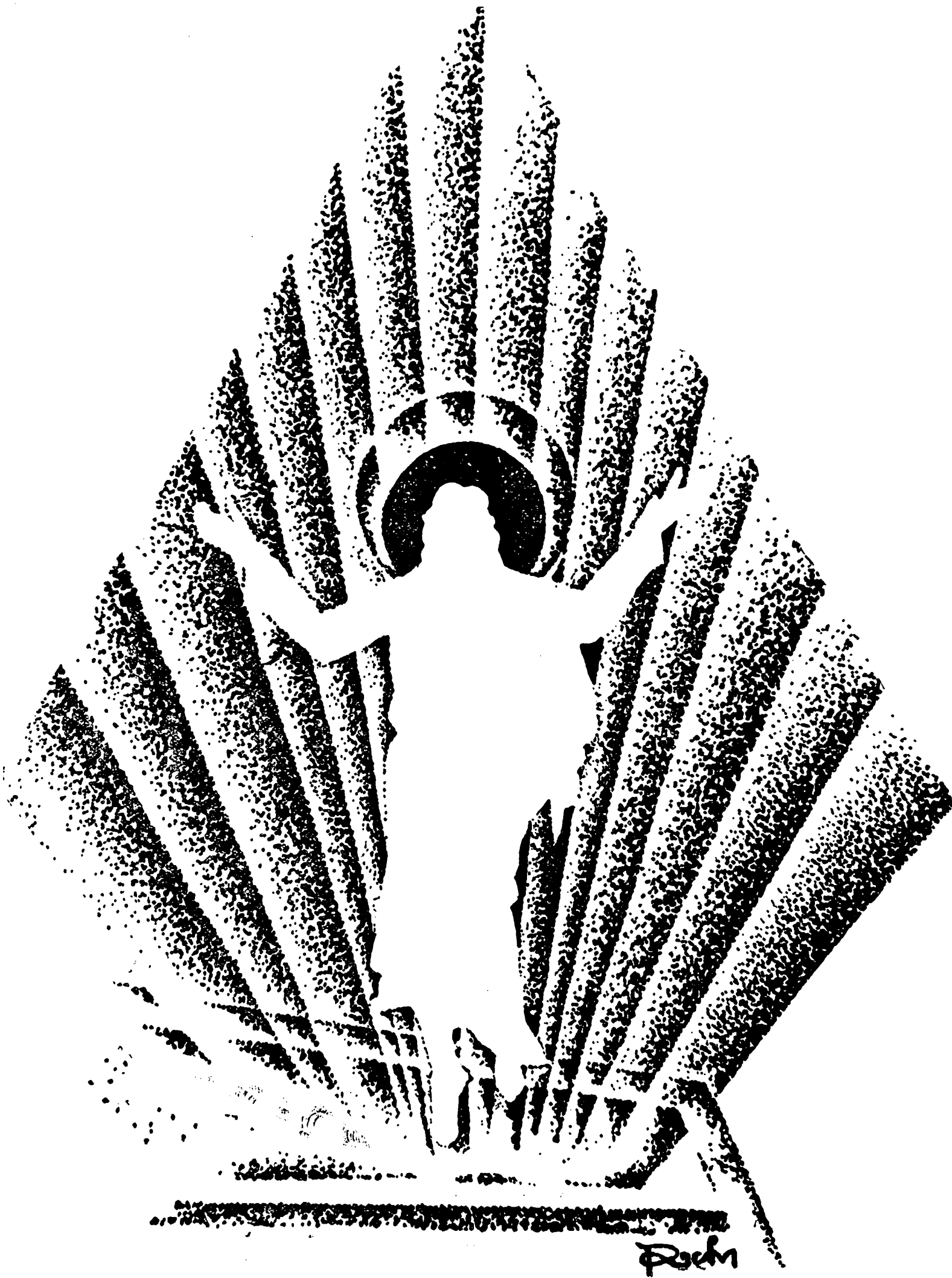
\*\*\*

O facto da Ressurreição é narrado pelos quatro evangelistas de uma forma breve, mas precisa e incisiva. É um facto positivo, que no seu tempo ninguém contestaria a sério, pois a prova testemunhal era copiosa e formal.

Os inimigos de Jesus, os sacerdotes e os farizeus, comeram piedosamente o cordeiro e os ázimos pascaes naquela noite de sexta-feira. Estavam contentes, e havia de quê. Tinham-se desembaraçado de um inovador que comprometia o seu prestígio e influência e haviam simulado prestar um bom serviço a Roma. Durante a noite, porém, remoendo as recordações do dia, a confiança e tranqüillidade de espírito foram um tanto ou quanto abaladas. Êle, o agitador, havia anunciado que ressuscitaria ao terceiro dia. Não que êles, gente lúcida e perita na leitura da lei, acreditassem tão audaciosa predição; mas o povo era crédulo e propenso ao maravilhoso. A ressurreição de Lázaro trazia ainda as mentes alvoroçadas e propícias a tudo acreditarem.

Ora os discípulos de Jesus, após o primeiro pavor, começavam a congregar-se. E até pessoas de bom senso e saber andavam a conchavar-se com aqueles barqueiros de Tiberiades. Não cedera

## PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO



José de Arimateia um sepulcro novo, aberto na rocha, para receber o cadáver do Nazareno? E Nicodemus não ousara tomar a defesa do agitador?

Por isso uns quantos de entre êles foram pedir a Pilatos que mandasse guardar o sepulcro, não ousassem os discípulos de Jesus roubar o corpo e clamar depois às turvas sugestionáveis que

êle ressuscitara. O governador romano estava saturado das exigências e impertinências do Sinédrio. E, mal humorado, voltou:

— Não tendes vós uma guarda especial para vosso serviço? Pois guardai o sepulcro do Nazareno como quizerdes.

Não precisavam êles de mais nada, e foram-se dali buscar soldados que puse-

ram de guarda ao sepulcro, previamente selado.

Ora o repouso hebdomadário terminava com o pôr do sol. Na manhã seguinte, ao apontar do dia, as Santas Mulheres—grupo fidelíssimo, chefiado pela alma ardente de Maria de Magdala—dirigiram-se para o túmulo, com aromas e óleo perfumado para ungirem o corpo do Mestre.

Madalena, mais apressada com o alvoroço de uma devoção veemente, chegou ao sepulcro muito antes das outras. Viu que a pedra circular,—vedação usual dos sepulcros daquele género—havia sido rodada para o lado e que na cavidade não se encontrava coisa alguma.

Alarmada, a generosa convertida corre açodada e vai advertir os discípulos Pedro

e João:—Roubaram o Senhor do túmulo, e não sabemos onde o puseram.

Entretanto, as restantes mulheres iam-se aproximando do sepulcro e falavam da dificuldade de remover a pedra, afim de poderem fazer as unções fúnebres.

Aproximando-se, porém, do local, verificaram com assombro que o sepulcro estava vazio. Sentado sobre a pedra estava, porém, um jovem, vestido de branco, que lhes disse:

— Não vos assusteis assim. Buscais Jesus de Nazaré, que foi crucificado? Ressuscitou, não está aqui. Vêde o lugar onde o haviam deposto. Mas ide e dizei a seus discípulos e a Pedro, que êle vai adiante de vós para a Galileia. Ali o vereis, como vos disse.

Os apóstolos Pedro e João, avisados pelas Santas Mulheres, quiseram certificar-se pelos seus olhos e correram ao sepulcro.

Verificaram então que na cavidade se não encontrava o corpo do Mestre. No chão, os lençóis que o envolviam, e um pouco afastado e dobrado, o lenço que lhe cobria o rosto.

Não fôra, pois, roubado o cadáver, porque teria sido levado como se encontrava. Os raptos não estariam com os vagares meticulosos de retirar o envoltório e de dobrar o lenço.

Os dois apóstolos viram e creram. Só então compreenderam plenamente as predições das Escrituras e do próprio Mestre, que várias vezes preanunciara a sua ressurreição.

Desta forma sumária referem os evangelistas o triunfo de Jesus sobre a morte. Como testemunhas puramente humanas, os biógrafos de Jesus contam apenas o *facto externo*, se assim posso dizer. O acto vitorioso da ressurreição, a restituição da carne martirizada a uma vida gloriosa e imortal, não o viram os depoentes. Provaram-lho o sepulcro vazio, as circunstâncias em que o facto se verificou e as aparições subsequentes de Jesus—à Madalena e aos apóstolos.

Correia Marques.

A Páscoa e os Pobres

A igualdade estabelecida por Deus tem-se mantido através do rolar dos séculos e como demonstração dessa realidade temos a tradicional Festa da Páscoa...

riadas flores, que dão ao pobre apositamento um aspecto mais alegre, enquanto que por outro lado mitigam com o seu delicioso perfume e com a sua encantadora beleza as agruras passadas nesses lares.

Guimarães, Páscoa de 1939.

M. Menezes.

Mataduras

E os Judas guincharam.

Uns foram queimados, mas outros ficaram.

Eu queria-os ver todos pendurados, mas tudo, a varrer.

Mas para mal nosso tudo é diferente, há corda ao pescoço... para o inocente.

MARY COTTA.

A volta da Páscoa

O foliar!...

Tradição interessante nesta quadra festiva do ano.

Os afilhados recordam os padrinhos, mostram-se mais vezes para que não passe no esquecimento o apetecido e tradicional foliar.

Por isso é que, nesta época, as casas onde se vendem gulodices e fantasias estão transformadas em autênticos arsenais, cujas montras, dispostas com arte, tentam e seduzem todos os mortais...

Quantos desejos, bem próprios da sua idade, essas montras de tentação lhes provocam, — desejos que as tornam melancólicas e que até talvez lhes gerem raciocínios menos honestos.

Quem não vê, não cubiça. E as montras na Páscoa têm o condão de gerar esse malefício.

Mas, para onde é que eu estou a enveredar, se comecei por achar interessante a tradição do foliar?

A gente tem coisas, às vezes...

Dia de Páscoa! Anda no ar o odor inebriante das madressilvas e dos lírios.

Os mōços vêem na festa, sentem na festa a aleluia radia de um porvir de sonho,

Vingança de tiranos...

Abraça o mundo inteiro a alegria:

— Cristo ressuscitou, subiu ao céu.

Deixou estarecida a tirania

E o monstro da maldade estremeceu... —

Bendita saüidação: Aleluia!

— A Bondade de Deus, afinal, venceu,

Nos templos da mentira a hipocrisia

A' força da Verdade se rendeu... —

Há quasi dois mil anos!... Dois mil anos!...

De quantas gerações, hoje, os tiranos

Vieram p'rá vingança disfarçados!?... —

A Doutrina do Mestre renegaram,

O seu Verbo d' Amor espesinharam

E dizem-se os maior's civilizados!!... —

Abril de 1939.

DELFIN DE GUIMARÃIS.

que, quasi sempre se desfaz, transposto que seja o breve pincaro em que a vida atinge tōda a sua beleza — aquele pincaro cuja vertente oposta está cheia de realidades dolorosas, de amargas desilusões, de precipícios profundos, sob os quais a vida vai passando à custa de aturados esforços de perigoso equilibrio e heróico sacrificio.

Muitos dos outros, dos que já vêm nessa descida fatal, sentem neste dia — repelição de muitos dias — um claro de esperança que lhes diz chegará breve o fim do seu jornada doloroso e extenuante, gozando então a paz de um bem merecido descanso.

Dia de Páscoa!

Anda no ar o odor inebriante das madressilvas e dos lírios. Há alegria nas almas, bailam sorrisos nos lábios.

Páscoa de 1939.

J. Gualberto de Freitas.

"Correio do Minho,"

Comemorando mais um aniversário da sua nova fase, como órgão da U. N. no Distrito, publicou na passada segunda-feira um número especial e um suplemento dedicado a Guimarães, o diário bracarense "Correio do Minho" que à política do Estado Novo e aos interesses no Distrito de Braga, se tem dedicado nestes últimos anos.

Felicitemos a sua ilustre Redacção e fazemos votos pelas prosperidades do nosso brilhante colega.

A História vimaranense, por tantos títulos ilustre, apresenta-nos nomes que para sempre se gravaram na tradição e que por isso não indica a exclusiva lembrança de uma geração mas a de tōdas as que se têm sucedido até hoje.

Como português que me prezo de ser e quasi vimaranense que sou — pois desde os oito anos que me criei no meu conchego, nas Caldas das Taipas — o meu coração não podia deixar de nrender um sincero culto de admiração a todos esses vultos insignes um preto, embora modesto, de justiça a todos esses vimaranenses, amigos dedicados da sua terra natal, figuras de grande valor e destaque social que, aliando às suas virtudes a pujança do seu talento, sem tibieza e ardor, timbraram sempre em exaltar os merecimentos da raça lusitana.

O meu espirito se compraz com imenso jubilo em apresentar-vos os seus nomes e juntamente alguns dos seus traços biográficos que me foi possível adquirir — após um extenuante trabalho de investigação — nesta galeria, que como um quadro de honra os

As Festas da Páscoa

As festas anuais, que em regra os homens celebram com alvorço perene de alegria, vão tornando, se é possível, menos espinhoso o viver, e servem como que de soluções de continuidade lançadas no centro das amarguras que nos affligem.

Com o avançar da idade vão-se desfazendo em nós, certo, os loucos entusiasmos da mocidade, e, conseqüentemente, as próprias festas, que fōram nosso enlêvo, passam a figurar no capítulo da indiferença que a todos chega depois de percorrido certo espaço da vida.

Entanto, no montão de ruínas em que se fêz quanto estimáramos e nos alegrava infinitamente, alguma coisa fica que não morre nunca, como claro, embora ténue, daquilo que particular e profundamente feriu a nossa sensibilidade. E à volta dessa última ilusão nos deixamos ainda e sempre embalar, recordando, supremamente venturosos, o que teve o condão, em tempos idos, de nos prender a imaginação e a alma.

São esses restos de suave recordação que, num deleite sem par, nos animam a colaborar neste número dedicado às festas da Páscoa.

Vivem pelos tempos fora, através de todos os obstáculos, numa renitência inquebrantável, as cenas mais simples da nossa primeira mocidade. Não perdem, com o tempo, a nitidez que atingiram no momento em que ocorrem. Vidas, com tōda a cor e movimentação primitivas, alojam-se para todo o sempre na nossa memória.

E cerrando neste instante os

perpetuará nestas modestas páginas, para que as suas acções e méritos sirvam de paradigma às gerações que decorrem e às que lhes sucederem.

Daqui advém claramente a proficiência da árdua tarefa e o ardor com que me entreguei a rebuscar horizontes manuscritos em velhas crônicas que manuseiei com cuidado e que em outras fontes encontrei e li com tōda a meticulosidade; repositórios que fui arrancar ao mutismo dos séculos com o fim de prestar homenagem de respeito e consideração a essa famosa falange de tão incultos cidadãos e prestimosos portugueses, poetas distintos, comedidros ilustres, literatos, músicos e pintores notáveis.

Dito isto, vou pois focá-los, respeitando, quanto possível, a ordem alfabética, visto a da antiguidade não poder ser evidentemente seguida. Embora alguns dos nomes que aqui ídes ler não sejam para vós, inéditos, muitos outros o são porém. Quizera ilustrar esta galeria com os retratos de todos, mas a impossibilidade de o fazer é evidente. Por isso indicaremos os que nos for possível conseguir.

olhos, para buscar no fundo do nosso cérebro o que êle contém do passado distante, a propósito vem a festa da Páscoa com a rōsca do padrinho e as amêndoas, tudo precedido do testamento do Judas, cuja figura de saltimbanco, ridiculamente vestido e pintado, ainda estamos vendo balouçar-se na corda que o sustenta no ar, para gáudio da rapaziada irreverente.

Bons tempos êsses, de crenças firmes e fortes esperanças num futuro róseo, feliz, que nunca chegou...

Neste redemoinhar incessante e por vezes bem desagradável, — espécie de monotonia que enregala como tufo de agreste vento glacial, — alegrem-nos abertamente as festas em que se expande, como se expandiu ontem, o nosso coração já minguaído de alento mas ainda ansioso de mostrar-se apto para enfrentar estorvos, quaisquer que sejam, que surjam no nosso caminho.

E' que as festas da Páscoa realizam-se no seio da família, onde tudo é gracioso, encantador. Não há lá nem fementidas manifestações de vaidades balôfas, nem o cinico porte dos que — e não são poucos — atravessam a existência falseando a sorrir.

Conchêgo delicioso de seres que caminham unidos para a conquista do pão e do mais que constitui o ménage, a família usufrui horas felizes a quando da celebração das festas anuais que lhe falam de outros seres que nasceram e viveram sob o mesmo tecto, respirando o mesmíssimo ar.

Tais festas falam-nos ao coração tão doce como se fōsem falas de entes queridos protestando-nos a mais profunda amizade.

R.

Festas - Folares

Como é tam doce êste dia, dia da Ressurreição, em que, com tanta harmonia, repicam com alegria os sinos e o coração.

Ressurrexit, Aleluia, diz em côro tōda a gente, e como esta melodia, com encantos, com magia, se sente profundamente.

Como é lindo ver toucados os caprichosos folares: açafates enfeitados, por fóra papéis pintados e dentro bons paladares.

E são de tanta maneira conforme é uso e costume, coisas compradas na feira ou frutos da amendoeira, e petiscos de ir ao lume.

E' uma velha tradiçào que todos nós respeitamos, presente da occasião com a significação que nós queremos e damos.

Mas, para mim, engraçados, e ao mesmo tempo garridos, são os folares usados por nossos antepassados, os velhos "ovos tingidos".

SAN.

E' muito vulgar ouvir-se dizer que revolver nos arquivos é uma mania. Que me importa, se ela constitui, para mim, um prazer proveitoso e útil, embora trabalhoso e exigente de muita paciência?... E' assim que se descobrem factos ignorados, noticias desconhecidas e nomes de pessoas que devem perdurar na memória dos vivos. E' quanto basta.

Eis o que fiz, intimamente convencido de que esta minha paixão arraigada pelos alfarrábios não pequeno merecimento tem para a história local. Sejam estas minhas palavras uma homenagem sentida da mais alta admiração por aqueles que, deixando a vida, depois de servirem a sua terra com amor e carinho, se tornaram dignos do nosso mais terno culto.

E' preciso divulgá-los, prestigia-los e evocar-lhes a memória, já que tanto se esforçaram por honrar a terra em que nasceram.

Guimarães continuará sendo um notável centro de cultura, como em tempos idos, desde os primeiros dias na nossa nacionalidade. E' preciso que se note que não são

Com os meus botões

A neve: — é lindo, é poético vê-la branqueando os casais, estendendo seu manto de branca curva desde a serra ao vale e do monte ao campo. E' lindo, é poético, e chega até a ser deslumbrante, vê-la — quais candelabros de cristal alvinitente e raro — pendendo em flocosinhos dos braços novos, ou das tenras fôlhas, das árvores.

Majestática, a neve faz curvarem-se para a terra as flores que nos jardins se alteiam bellas, orgulhosas de sua beleza.

A neve: — é lindo, é poético vê-la... Não tem porém nada de poético senti-la gretando pés descalços, enregelando, lacerando corpos desagasalhados, quasi nus. Não tem nada de poético sentir-lhe os malefícios na agricultura, tornando mais amarga ainda a amarga pobreza!...

A neve: — é lindo, é poético, vê-la... —

Montanha densa onde a descrença mora — a dúvida entenebrece as almas, desune os corações, abala os seres, desorganiza as sociedades. Epidémica, a dúvida contagia. E, assim, todos vamos vivendo duvidando e crendo, confiando e desconfiando. A dúvida é renegação da verdade, do que se vê, inconstância da fé: — ao saberem vasio o sepulcro aonde havia baixado o corpo inanimado de seu Senhor, os apóstolos duvidaram, desolados, na ressurreição do Justo!...

Aleluia!, aleluia! Há séculos, há muitos séculos que os sinos dos campanários, das igrejas, das catedrais, aleluiam ao mundo — neste dia, uma vez em cada ano... Fosse cada peito um campanário onde cada sininho — o coração — aleluiasse todos os dias, no decorrer dos anos e dos séculos — e Jesus, o Justo, ressurgiria então para sempre, e realmente, na alma inquieta e torturada da inquieta e torturada humanidade!...

Aleluia!, aleluia! Brotam por tōda a terra, na terra inteira, flores, variegadas flores, muitas flores!: cântico mudo, muda oração da Natureza a Deus louvando...

Aleluia!, aleluia! Ressurreição!

Sábado de Aleluia — 1939.

Alberto de Macedo.

PÁSCOA BOAS-FESTAS DESEJA O «NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS» A TODOS OS SEUS ILUSTRES COLABORADORES, ASSINANTES, ANUNCIANTES, AMIGOS E DEDICADOS COLEGAS. ... 1 9 3 9

EXUMAÇÕES DO PASSADO

GENEALOGIAS...

GALERIA ILUSTRADA DE VIMARANENSES NOTÁVEIS

Antelóquio

O homem morre, mas não vai todo à campa. A sua memória subsiste no mundo, mais ou menos viva e perdurável, através dos séculos, conforme as suas obras e acções meritórias.

pátria afamada de beneméritos e egrégios filhos que se tornaram notáveis, tanto nas letras, nas ciências e na poesia como nas armas em que foram valorosos e nas indústrias em que se tornaram os primeiros. Este antigo burgo, hoje uma das primeiras cidades, é para nós, como que um imenso panteão em cujos sarcófagos há ossadas venerandas como reliquias que é justo serem lembradas para estímulo e ensinamento das gerações actuais e futuras.

Esqueçê-las seria a maior das ingratidões, equivalia a rasgar as gloriosas páginas, verdadeiros fastos brilhantes da história vimaranense, que tantas recordações de bravura e pujanças de talento nos indicam. Guimarães — repetimos — hoje como sempre tem um certo orgulho, bem justificado e ufana-se de ter sido a terra natal de tantas mentalidades pelas quais se pode aferir grande parte da sua ancestral grandeza.

os efeitos literários que nos seduzem e impeliram a este árduo trabalho que gostosamente a nós impuzemos, o fim que tivemos em vista é muito diferente e muito mais alto como é óbvio: foi exumar do Passado, fazendo-as relembradas, as acções e exemplos de dedicação que êsses vimaranenses prestaram a colectividade e constituem um excelente e valioso auxiliar para o estudo da história da terra vimaranense.

Destina-se êste nosso modesto trabalho a torná-los conhecidos, porquanto não é somente o Presente que nos deve fascinar, pois, esquecidos do Passado, não podemos pensar a sério no Futuro da Pátria querida. Urge enaltecer a grei com amor e valorizá-la com orgulho, tornando assim inesquecíveis os nomes dos seus ilustres antepassados, o que, sem dúvida, concorrerá para o aumento da parte cultural.

Dito isto, entraremos no próximo número no assunto A.

P.º Alberto Gonçalves.



### O célebre testamento de Judas

(leviana chocarrice)

Desde manhã, o Pernude, serventário, maior de 18 e menor de 21, esforçava a Musa — não-ostante velha olimpiada na corrida do facho aos primeiros alvares adonisiacos, de esguelha menopansica então no quarto-minguante da luz soturna — para lhe sair a capricho, rimando-a e medindo-a, certa quadra amorosa e dengue, mais ou menos assim esboçada

A tua graça é sereia, de graça cheia e de cor: arrasta a dor a cadeia, triste enleia do amor.

Pernude não gostava da prenda, e arrengava de seu estro poético: «é bem linda, formidinha e de mão-cheia, mas raios te levem!». E os coriscos fulminantes dos raios amorosos encarapinhavam as bossas líricas do escriba desolado... Já era quasi noite, abaçada e morna, aquela hora em que todos somos os passageiros da vida do trabalho para o trabalho da vida. A secretaria estava deserta, e, desde Homero, o sol, apolíneo envergonhado da esquelética nudez venusina, afogava-se, por entre o velário cinzento das nuvens, no cógulo purpúreo das ondas oceánicas. Bateram à porta — e encolheu os ombros; rebateram — e sorriu-se; rebateram — e agoniou-se: «dianho!, já todos sabem que só os pobres é que dão aos pobres». Dão, silicet, quando têm ainda metade da capa de S. Martinho — e ametade dessa capa, esburacada e róta, velhinha e desbôta, de nogalho em nogalho, de fio em fio, era já apenas sombra de mortalha, salidade de mortalha.

A tua graça, Maria, na romaria da Graça, não me desgraça a folia ó ai!, Maria...

«O' ai, Maria... O' ai, Maria!». E continuavam a trupitar, lento, calmo, mas inexoravelmente. Pernude começou a lembrar-se de que tinha fome — a abjecta necessidade na variadíssima complicação de visceras, já derroídas por aquela enorme lombriga, insaciável, do Amor e da Poesia.

Entre lá, com mil...

A praga ficou suspensa, não como o último verso — à falta inspiradora de rima coadunante —, por estar em Sábado de Aleluia, cuja pronúncia é, nem desnocada, deixaria de fazer à velha maneira clássica ou, melhormente, como usávamos nós entre nós dizer, sem mais aquelas modas decretais e ultrasapienas.

Ora, eis que mesmo ele entrou, o cavalheiro barbudo, amaleitado, olhos de azeitona, farripas engarabeladas nas orelhas, esquilido, dentirostro, corvo e cegonha, giganteio e homúnculo, arrotando bilis e azia, cordas nas veias frontais, cordas nos gorgomilos, todo ele a corda em casa do enforcado.

Diga-me — faça favor —: é aqui o Senhor Doutor Notário?

Bom fadário (o Pernude sentia ainda nos lábios o mel do Himeto)... O expediente está fechado.

Trata-se de testamento...

Bem, bem... Nesse caso... Mas, na verdade-verdadeinha, made in veritas (ó céus! quando ao Pernude lhe dava para linguarejar!...) o senhor tem alguma coisa a declarar?...

Razão tinha a pergunta ao cavalheirinho de tão sumido e fresco, malparente ao esconjuro do vento pelo vidro partido da vidraça.

Não tenho, não senhor, mas é por isso mesmo que deixo fazer testamento.

E com sorriso brêjoro — Sou judeu — poupo assim os direitos de transmissão... (Mas, por favor, não diga nada...)

Lá isso é verdade... Já vê... Não vejo nada. Por outra: cada vez vejo menos. Não tem onde cair morto, e quere fazer testamento.

Ora bolas!

Perfeitamente. Se não receasse ofender a sua tão sentimental modestia, chamava-lhe — sábio penetrante. De fulo e impeto — como se a mola invisível do Destino o projectasse boldeio —, Pernude ergueu-se, cresceu e investiu-o:

O senhor insulta-me gratis...

Era enorme, como a Catedral do Sênio a alevantar-se, majestosa, da pedra rochosa e bruta, verruga de lava dos heróicos cataclismos da formação da Terra. Melifluamente, o visitante insinuou — ou Poeta inédito... O escrevente assentara-se, convicto. — E' ao sábio inexperiente e consumado, lateinte e omnipotente em todo o Poeta humilde e louco, cuja graça, na hora extrema, me dirijo a implorar. O testamento dos suicidas é a corda com que se enforcam — e eu só quero deixar a corda. Mas são muitos os fios... Muitos! O próprio esqueleto, abandonado no espaço, a baloiçar-se no ramo da figueira, pesa como a vida, e é pesado como é pesada a morte. Sinistro cadáver, esse, do justicão que a si próprio se justicou — do primeiro homem que se prendeu, julgou, condenou e executou! Mas a corda, a corda... Sim, porque, ao levarem-me para a vala, a vala-comum, por certo que me hão-de, oh! por certo, desgorgomilar da corda... A corda

### Farpas Depois do Gólgota

Já os sinos tinham principiado a repicar, a anunciar a Aleluia, quando concluí a leitura do livro de Hirsch, que nos fala do Judas que entregou Cristo para o martírio do Gólgota.

Em todos os tempos a figura de Iscariote mereceu uma atenção especial, a que o próprio evangelista do Espírito, S. João, se não pôde subtrair. E' que Judas, em tôda a hediondez do seu acto, é bem o símbolo de uma raça onde predomina o espírito mercantilista e avaro. Nos tempos que vão correndo, quantos e quantos se não oferecem para instrumento da traição, na ânsia insatisfeita de chegarem primeiro e de primeiro se sentarem à mesa que antevêm tão farta como aquela a que se sentou, com os seus Apóstolos, o doce Jesus antes de começar o seu peregrinar de amargura até ao cume do Gólgota!

A Quaresma e, de um modo especial, a Semana Santa, fazem-nos reviver a cena de recuados tempos, a tragédia e a dor de que se formou a coroa de espinhos do Redentor.

Tragédia e sofrimento que perdura e a que a Humanidade, por mais que avance no seu poder científico, por mais que estude e por mais fórmulas que encontre, não é capaz de minorar.

O Gólgota é o exemplo de renúncia, de resignação, de abnegação e de sacrifício. E' a dor que triunfa do riso escarninho dos filósofos, é a abnegação que vence a incredulidade dos materialistas, é a resignação que nasce, espontânea e consoladora, ante o irremediável.

Não obstante o transcurso dos séculos, a tragédia do Calvário lança ainda o seu clarão intenso como uma réstia balsâmica dos sentimentos de amor e de perdão que os homens perderam, tornando-se uns torturados da vida, sem um lampejo de alegria no olhar, sem uma nesga de sorriso nos lábios blasfemos.

Iscariotes grotescos de irrisão, eles por aí andam, vestindo diversos disfarces, à espera da ocasião própria para o ósculo da traição.

Venham, ao menos, os sinos da alegria repicar, contentes, dentro das nossas almas, uma Aleluia esperançosa, uma Ressurreição que redima e reconforte todos os corações.

São João das Caldas, Dia de Páscoa de 1939. X. X.

é acção e penitência; é músculo e agoiro; é instrumento e suplicio. Temos a corda na garganta e temos a corda da garganta. Vai do puxar — de fora para dentro, de dentro para fora.

Pernude suave, mas por causa do engasgado verso

O' ai! Maria...

Note o meu efébio Trovador da Lira: todos os anos, pontualmente, quando os sinos retangem alegrias, pego da corda e vou enforcar-me. Todos riem e batem palmas, muito contentes por se verem de si livres de mim. E' como o senhor, que tem de estar aqui a atormentar-se à espera do freguês — o contrato, a doação, o testamento... a corda. A corda, é a vida, meu caro senhor! Todos nós somos muito boas pessoas, não desfazendo, mas... quando a corda (ora lá vai!) da vida, a corda — com sua licença — das tripas, a corda — desculpe-me! — das algebeiras, começa de apertar-nos... Continuamos todos a ser muito boas pessoas, é claro... mas deslaçamos a corda. Ora, por isso mesmo, eu queria desfazer-me dela... e deixá-la em testamento. Meu amiguinho, faça favor de reparar: isto é só por um ano. Na outra volta da foíhnhua do calendário, cá estou — como há cem, há duzentos, há mil, há mil e novecentos anos —, muito pontualmente, certo — certinho, cá estou eu para me enforcar — e preciso da corda. Pelo que tem de mais caro no mundo...

O' ai! Maria...

O senhor não me dirá a quem eu hei-de deixar em testamento a corda, só por um ano?

Com sua licença

...não me desgraça a folia mas sim o dia que passa.

### O meu foliar

Eu sei! eu sei! Não há, talvez, padrinho Assim ingrato para os afilhados! Mas vos juro, é por mal de meus pecados, Que sou, as mais das vezes, pobrezinho!

Nem amêndoas, nem rôscas! Adivinho Como todos deveis andar zangados Dêstes modos tão frios, concentrados! Desta falta de amor e de carinho!

Ô Maria do Céu! Ô Margarida! Eurico Manuel! Maria Alice! Rosas a abrir em cândidos vergeis!

Deus vos cubra de bênçãos tôda a vida! Quanto às amêndoas... (como já vos disse) Um beijo a cada um! Não vos zangueis!...

Quinta de Vila-Verde, Páscoa de 1939. JERÓNIMO DE ALMEIDA.

### GAZETILHA

Todos os anos o Judas, coitado, com as ajudas de muitos que por aí há, baila preso ao arame, sujeito a duro vexame, como se fôsse de cá.

O Judas Escariote, que não morreu no garrote, mas num laço na figueira, era bem melhor pessoa do que certa gente boa que p'ra aí se pavoneia.

P'lo menos teve a coragem, — nisso lhe rendo homenagem — de seus crimes expiar; mas os tais a que aludo, como êle fazem tudo, à excepção de se matar.

E é pena, com franqueza, que a coragem portuguesa não houvesse tocado: — uma cordinha ao pescoço, em antes, um Padre-Nosso, e tudo estava arrumado.

Ficaria assim a gente mais tranqüilla e contente por ver o mal acabar, e este ambiente empestado, de maldade carregado, seria, então, salutar.

Rara é a rua da cidade, isto é a realidade, que não tenha um figurão; e alguns são bem falantes, de maneiras tão galantes, que enganam qualquer pimpão.

Era, pois, conveniente, em antes que o mal aumente, dar-lhe a todos igual rumo: — fazê-los dependurar, numa corda a bamboar, como chouriços ao fumo.

bem à altura do critério com que elaborou o seu estudo do Grande Clássico.

¿ Poderá estranhar-se que venha em simples nota a descrição da Fortuna?

A revisão é modelar e cuidadíssima.

O que não obsta o encontrarmos sair á por sair á na pág. 32, Heráclito na pág. 41, ilacções na pág. 49, veem por veem na pág. 111, Arão nas págs. 268 e 269, dêem por dêem na pág. 310.

São de muito preço os dous índices remissivos de nomes próprios e de assuntos.

As notas de todo o livro são sempre reveladoras de um espírito sempre carinhoso e arguto.

A propósito de Platão e do seu espiritualismo e da formação do seu estilo, cita Mendes dos Remédios que nos disse: «Nunca a Filosofia, esta música sagrada das almas pensantes, como a chama Renan, falou uma linguagem mais musical e mais divina.»

A modicidade do preço e o bom gosto da edição honram a EDITORA EDUCAÇÃO NACIONAL.

### Palavras de Deus...

Respeitosamente, ao Ex.º Sr. Dr. Francisco Moreira Sampaio.

A campanha a tocar Eu ouço com emoção, Anunciando o Senhor Que, na visita de amor, Preso, na cruz, a brilhar, Nos vem trazer o perdão...

Aos seus pés ajoelhei, Fitando seu doce olhar Cheio de tristeza e mágoa; E, todo nublado de água, Os Seus joelhos beijei Com as chagas a sangrar.

Senhor meu, que vejo eu?, Lhe perguntei comovido; Logo me disse: «no mundo Existe um ódio profundo, Minha palavra morreu, O meu Verbo 'stá esquecido.»

Mondim — Abril, 1939.

Arnaldo de Sousa Lobo.

## BRASIL

Secção de Procuradoria da Casa Bancária  
**CUPERTINO DE MIRANDA & C.ª**  
SÉDE: — Rua Sá da Bandeira, 56 — PORTO

A mais perfeita organização de serviços de administração de bens em todos os Estados do Brasil. Compra e venda de prédios e papéis de crédito; cobranças de aluguéis, juros e dividendos; hipotecas, inventários e liquidação de heranças.

Comissões extremamente reduzidas. — Transferências rápidas.

DELEGADOS EM: — Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Bahia, Pará, Pernambuco, etc.

### Telas rústicas A SORTE DO JUDAS

Quando as águas regam...

Ao fundo da várzea, alteando em pequena encosta a que se abraçam tufo de verde relva engrinalhada de miosótis e de giestas floridas, a velhinha nora solta no espaço sua canção dolente e estranha, a nostálgica canção do seu muito bem-querer...

Mansa, à frente dos mansos boizinhos, a guapa boieirinha sorri para a várzea, e para as vastas campinas ondulantes, — seus olhos a trasbordar de luz e de sonhos, seu coração cheio de sonhos e de sol primaveril. E da várzea, e dos extensos campos vicejantes, por onde seu olhar caminha, embevecido, até suavemente desfalecer, ourado de pasmo e de mago deslumbramento: e da amena paisagem tranqüila, por onde seu doce olhar peregrinara, na mística romagem da sua contemplação: — sorriem para a mocita, brandamente, enternecidamente, o caprichoso tapete das ervas rasteirinhas e da viçosa plantaçãõ exuberante, e o colorido arraial dos malmequeres, das garridas papoilas singelas e do coradinho e perfumado trevo em flor...

Na hora idílica do entardecer, a nora diligente, fonte de seiva bendita, espalha no ar seu brando queixume de alma enamorada, sua compassiva reza de amor — talvez saúdosa das folhas distantes e de certas hastezinhas tenras que não chegaram a abrir-se para a vida generosa e bela, que, por uma sêde de frescura, desoladamente não chegaram a desabrochar...

E os alcatruzes, em seu benigno lidairar, beijando e recolhendo a água para depois a lançar, chorosa, nos braços dos regatozinhos confiantes, — os alcatruzes têm o jeito carinhoso, o perturbado ansiar de quem se despede de um amigo queridinho que se vai muito branco e lindo, — que muito lindo e branco se foi para noivar...

Não longe dali erguem-se as pedras musgosas de um velho muro, a que se ampara a lírica singeleza duma roseira silvestre: e quando a brisa por lá passa, na aleluia da sua graça rumorejante, afagando as sensíveis corolas virginais, as rosas estremecem, amorosamente, e as suas pétalas vão cobrir de beijos a face da água — o branco ribeirinho a quem a terra espera para se noivar...

A tarde expira, docemente... Parou a mocita, quedaram os bois, calou o gemitir triste da nora... Na meia-claridade do acaso, com a luz a afundar-se em ondas de púrpura e ouro, a terra parece sorrir mais e mais... E a boieirinha sorri também, tontinha de sonhos e de fadiga, pensando num justo descanso reparador, no brando aconchêgo do lar dos simples, do acolhedor ninho de paternais afectos... E os boizinhos louros que, fazendo girar a nora velhinha, andavam embalados no seu cântico pesaroso e enleante, — os louros boizinhos fitam seus olhos mansos na linda boieirinha, que sorri, contemplam a paisagem sorridente e bela, abraçada pelos oiros esmaecidos do sol.

Quando as águas regam...  
Victor Hugo  
Não há nada sob o céu que não tenha a sua lei secreta, seu lugar escolhido, seu abrigo, seu retiro; o pescador tem o seu barco onde a esperança o acompanha, os cisnes tem o lago, as águias a montanha; as almas tem o amor.

Quando as águas regam...  
Salvador Dantas.







MODELOS  
MAIS  
ARTÍSTICOS  
EM  
PRATAS  
OURO  
E  
JOIAS  
AOS  
MELHORES  
PREÇOS

TELEF. 50



JOALHEIROS FABRICANTES  
**Sousa & Coelho**  
R. D. Afonso Henriques — TELEFONE Nº 50  
GUIMARÃIS

**A CASA QUE MAIS SE IMPÕE  
PELO SEU FABRICO EM  
JOIAS**

# Ouvivesaria SOUSA

DE  
**Sousa & Coelho**

TOURAL

GUIMARÃIS

TELEFONE, 50

A casa que não receia concorrência não só nos preços como no valor artístico dos seus artigos. Compra pelo mais alto valor

Ouro,  
Prata,  
Jóias usadas.  
Louças antigas

Objectos

do mais fino gosto próprios para

BRINDES

RELÓGIOS das melhores marcas.

Sortido completo em todos os artigos de Ouvivesaria e Joalheria pelos mais BAIXOS PREÇOS.

## FÁBRICAS DE TECELAGEM ATENÇÃO!

Abandonai o antiquado uso dos cordeis que prendem as prechadas às navilhas dos teares, fonte de mil arrelias!

Um cordel que se parta, repenta a paragem da máquina, perca de tempo e conseqüentemente prejuizo.

Usai os nossos **ESTICADORES METÁLICOS** para lices de teares mecânicos e manuais — invenção portuguesa patenteada sob o n.º 19.130.

Fácil montagem — Afição milimétrica — Impossível desafinação — Não quebram — Grande duração.

Uma vez montados nos teares, e afinados, não necessitam mais vigilância!

Pegam uma demonstração, sem qualquer compromisso, aos nossos agentes:

**Abreu & Companhia**  
GUIMARÃIS

Representantes exclusivos para todo o país:

**Martins, Campos & Lino, L.<sup>da</sup>**  
Rua Andrade Corvo, 11-1.º  
LISBOA

## Alfaiataria com Fazendas DE

# Ribeiro, Filho

LARGO JOÃO FRANCO

O seu proprietário participa aos seus Ex.<sup>mos</sup> Clientes que acaba de receber um grande sortido de artigos da mais alta Novidade para a Estação de Verão, com padrões modernos, muitos dos quais EXCLUSIVOS.



Pelo contracto com o Ex.<sup>mo</sup> Ministério de Finanças, publicado no *Diário do Governo* de 21 de Março de 1939, n.º 66, foi escolhida para fornecimento aos Serviços Públicos, *em primeiro lugar* a

# UNDERWOOD

Unica máquina de escrever que em todos os concursos do Estado foi sempre preferida.

Esta prova de confiança demonstra que a UNDERWOOD é considerada a máquina

MAIS RESISTENTE  
MAIS DURADOURA  
DE MAIOR RENDIMENTO  
DE TRABALHO MAIS PERFEITO.

O facto de existirem mais de 5.000.000 de máquinas UNDERWOOD em uso no mundo inteiro, e a sua produção atingir quasi a cifra da produção de **todas as outras marcas juntas**, confirma a preferência que a UNDERWOOD tem em toda a parte.

Para preços, condições e demonstração sem compromisso, queira dirigir-se ao

AGENTE EM GUIMARÃIS:

**GOMES ALVES** — PRAÇA D. AF. HENRIQUES, 68

**ARTIGOS PARA BRINDES E RECLAME**

ARTIGOS DE ESCRITÓRIO  
Tipografia, Litografia, Papelaria, etc.

Máquinas Continental  
WANDERER WERK

«BEROLIET»

**FITAS INGLEZAS**



«CORONET»

para máquinas de escrever

**J. & L. Serodio**

Representações,  
Comissões e Consignações  
Import. - Export.

TELEF. 6060

Rua Sá da Bandeira, 311-2.º

PORTO

Portugal

**MALHAS E CACHENÉS**  
**“DELGA”**

**J. Delgado & C.ª**

Fa-

bri-

can-

tes

Malhas exteriores da maior novidade e fantasia para homem, senhora e criança. Cachenes de lã bordados e estampados. Cores e qualidades garantidíssimas. Vendas por atacado.

Rua de S. Lázaro, 84

LISBOA

**Fábrica de Tecidos de Laborim, L.ª**



Fábrica

Escritório

Laborim - Vila Nova de Gaia

R. Passos Manuel, 53-1.º - Porto

Telef. 22 - Santo Ovidio

Telefone, 671



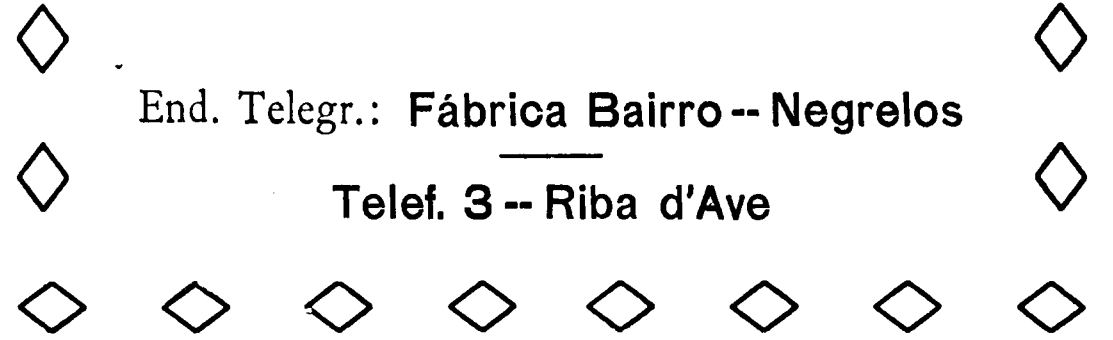
**Fábrica de Fiação e Tecidos de Bairro, Limitada**

Bairro - Minho



End. Electr.: Fábrica Bairro - Negrelos

Telef. 3 - Riba d'Ave



**Marques Pinto, Irmãos, L.ª**

Importadores de Algodões de tôdas as procedências



Telefones: 2054, 2070 e 3677

gramas: MARPINTO

R. da Torrinha, 282 - Pôrto

**E. I. du Pont de Nemours & Company**

INCORPORATED

Organic Chemicals Department - Wilmington, Delaware  
Anilinas e Produtos Químicos

Böhme Fettchemie - Gesellschaft  
Produtos especiais para a Indústria Têxtil e de Cortumes

CHEMNITZ

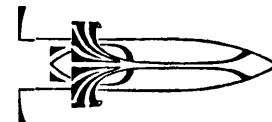
AGENTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL

**ROST & JANUS, SUCRS.**

Seção de Anilinas e Produtos Químicos

TELEFONE, 437

RUA PASSOS MANUEL, 70-1.º - PORTO.

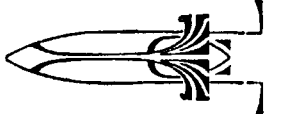


Agente em Guimarães

**ALBERTO GOMES ALVES**

Praça D. Afonso Henriques - GUIMARÃIS

TELEFONE 133. \* \* \* \* \*



**Transportes Ferro-Viários RELAMPAGO**

Serviço combinado com a C. P.

**Baptista Carvalho**

Rua de S. Julião, 52

telef. 24843

LISBOA

É o transporte mais regular em preços e velocidade e o mais garantido meio de condução de mercadorias. Transportes de porta a porta.

Accepta agentes camionistas em tôdas as terras servidas pelo Cam. de Ferro ou com serviço combinado com o mesmo.

**Companhia de Seguros A Nacional Limitada**

SEDE:

Aven. da Liberdade, 18 - LISBOA  
(na sua propriedade)

Delegação:

Praça da Liberdade, 114 - PORTO  
(na sua propriedade)

Capital 1.224 contos

Reservas 36.400 contos.

SEGUROS DE VIDA E CONTRA INCENDIO



# MÁRIO COSTA & C.<sup>A</sup>, LIMITADA

TELEFONE P. B. X. 2571 Telegramas — NATICOLOR

Agentes Gerais para Portugal e Colónias de

*Muraline* — a conhecida tinta a água, para pintura de paredes.

*Hard Gloss e La Belle* — esmaltes de grande resistência e brilho.

*Esmalte Sintético "Four Hour"* (quatro horas) — próprio para radiadores, tinas, etc.

*Tinta Anti-Corrosiva Carson* — tinta de grande resistência para tôdas as obras de engenharia.

*Cimentex* — a tinta indicada para a pintura de cimento, em interiores e exteriores.

*Trinchas, pinceis, rolos para decorações de paredes, etc.*

Agentes nos principais centros comerciais.

Compagnie National de Matières Colorantes et Manufacture de Produits Chimiques du Nord Réunies (Etablissements Kuhlmann).

Compagnie Française de Produits Chimiques et Matières Colorantes de Saint-Clair-du-Rhône.

Société des Produits Chimiques et Matières Colorantes de Mulhouse.

Durant & Huguenin (S. A.), de Huingue.

Fabricantes de corantes para tôdas as fibras, directos, sulfurosos, básicos, ácidos, cromo, meia-lã, Naph-tazol, etc., etc.

Corantes de cuva, de grande solidez às intempéries,

**SOLANTHRENES**

Agentes nos principais centros industriais.

Rua do Almada N.º 30, 1.º e 2.º

**P O R T O**

# TINTAS A AGUA

## «Membranite» e «Luzamate»

A «MEMBRANITE» é a pintura ideal para tôdas as obras de responsabilidade quando é aplicada em pinturas exteriores. As suas cores são inalteráveis e resistem a todas as intempéries e às lavagens mesmo com elorêto de cal. Ficam impermeabilizadas as paredes pintadas com «Membranite».

«Luzamate» é também a pintura ideal para os interiores. Torna-se mais barata que as tintas a óleo e papéis pintados.

Estas tintas são preparadas com as melhores matérias primas estrangeiras, nas: **Fábricas de Tintas LUSO (Fão-Minho)**

e são seus distribuidores:

**CASTRO, SOUSA & C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>**

TELEFONE, 2219

Rua Alexandre Herculano, 233 — PORTO.

# Companhia Fabril de SALGUEIROS

(Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada)

*Fiação*

*Tecelagem*

*Tinturaria*

*e Estamparia*

*de Algodão*

RUA DA CONSTITUIÇÃO

**P O R T O**

TELEFONES: P. B. X. 8303 e 8018

## Fábrica de Acessórios para Fiação e Tecelagem

# Eduardo Pereira Pinto & Filhos

Casa Fundada em 1885 (54 anos)

FÁBRICA — Armazem e escritório

Rua Duque de Saldanha, 150

Telegramas: DORATO

Telefones 1313 e 1668

**PORTO**

Para Fiar — Tecer — Tingir — Acabar

Para tudo o que diz respeito à Indústria Têxtil, há uma casa Portuguesa que fabrica todos os Acessórios necessários!

Mesmo que não tenha interesses ligados à Indústria Têxtil, visite a Exposição permanente desta casa e verá que a Indústria Nacional de Acessórios para a Indústria Têxtil dispensa os de fabricação estrangeira. Concorremos a 6 Exposições tendo-nos sido conferidas 7 Medalhas de ouro e 1 diploma de honra. Na Industrial Portuguesa de 1932 e Colonial de 1934, foram-nos conferidas 2 medalhas de ouro em cada.

Agente em Guimarães:

**DAMIÃO DE SOUSA OLIVEIRA**